

JN

22-8-42

«MEDO DO MEDO»

Realiza-se hoje em Roma, ou melhor, na Cidade do Vaticano, cabeça da imensa cristandade espalhada pelo universo inteiro, a solene consagração do ilustre e ousado português, João de Brito. Para assistir à brilhante cerimónia, partiu de Lisboa uma luzida delegação de portugueses de todos os recantos do nosso império, que, em nome de todos nós, cristãos e não cristãos, se vão associar a esta homenagem da Igreja universal à vida heroica de João de Brito.

—Trata-se de um português—diziam há dias um amigo meu que, apesar de não ser católico, também partiu para Roma—e como português que sou, lá estarei.

De facto, esta homenagem universal a um português deve orgulhar-nos a todos, por mais diversos que sejam os nossos sentimentos em matéria religiosa. Não tenho visto eu tantos descrentes ficarem não só impressionados, mas contentes e activos, ao verificarem que não há, lá fora, uma única igreja em que não figure a imagem de um outro português ilustre, o nosso grande e glorioso Santo António?

João de Brito foi, na verdade, um grande herói. Tendo deixado a corte com todo o seu esplendor e sedutores atractivos, consagrou a vida a um rudíssimo trabalho missionário em prol da civilização cristã, acabando por ser preso, insultado, maltratado e, por fim, degolado.

Mas a sua obra ficou. E ficou, e é hoje solenemente consagrada, precisamente porque João de Brito não receou os que podem tirar a vida do corpo, mas não podem matar a alma, o pensamento, o ideal.

Ainda, há dias, o chefe da Cristandade, Pio XII, num impressionante discurso aos homens do mundo moderno, lançava estas palavras de uma intemerata ousadia, como norma de procedimento: «não tenhais medo de outra coisa, senão do próprio medo».

Ter medo do medo! E de que mais se há-de ter, realmente, medo?

João de Brito não teve medo nem do clima ardente do Maduré, nem da sanha dos gentios, nem das privações, nem dos sofrimentos, nem da prisão, nem da morte. Não mereceu ser ele apontado hoje, como modelo e exemplo a uma sociedade empesada de cobardia em que muitos, por causa do medo, se prestam a todas as degradações morais, desde a traição aos seus ideais e aos seus amigos, até à mesquinha calúnia para fugirem à responsabilidade dos seus actos?

—São hoje muitos os medos. Mas o pior de todos ainda é o medo do comunismo. Pois não é precisamente com medo dele que se não ousa evitá-lo? Quantos e quantos, tranzidos de medo perante o comunismo, nada fazem... com medo de que, um dia, o seu nome seja posto na lista...

Pobres criaturas! E o pior é que, ~~sem examina~~ examinadas as coisas, a única coisa com que podemos contar é com o medo.

Tem-se medo das palavras e receiam-se as ideias que elas apreçoam; tem-se medo de perder um tostão e nada se arrisca na iniciativa em prol da comunidade; tem-se medo dum fracasso, e fica-se tudo no mais abjecto comodismo; tem-se medo de perder um lugar ou uma posição e, então, cada um que se arranje!

Como tudo isto causa pena, esta falta de coragem, esta falta de carácter, este medo, este horrível medo.

Afinal, com o medo, só lucram os malvados. Esses é que o espalham e dele vivem. Uma sociedade que se deixa dominar pelo medo, é uma sociedade vencida. Que há a esperar dela?

Não temas, dizia Cristo aos seus discípulos. Tende só medo do medo, diz hoje Pio XII a todos os cristãos.

De facto, um cristão medroso não é cristão e, por isso, não pode contar-se com ele para se refazer uma cristandade nova.

Se não tivesse havido medo da guerra em 1939, a guerra não teria vindo. Se não houver medo dela em 1947, a guerra não virá. Mas se houver medo dela, tê-la-emos outra vez.

Se houver medo do comunismo, deixá-lo-emos vingar. Se tivermos medo das reformas sociais, elas se hão-de fazer como calhar. Se tivermos medo, caminharemos de cada vez pior.

E' por isso que a consagração de S. João de Brito—um português que não teve medo—nos deve encher de orgulho, porque veio na altura oportuna, na altura em que é preciso, mais do que nunca, desterrar o medo.

Os portugueses que vierem de Roma, partirão, cada qual para as suas terras deste querido Portugal de quem é além-mar, a contar a todos que Portugal foi grande porque o fizeram assim homens sem medo, e há-de continuar a sê-lo porque poderemos contar com mais um português que nos há-de ajudar, com o seu exemplo e sua intercessão, a também não termos medo.

reservados

ABEL VARZIM